

O LEGADO DE CARLO LAROCHE PARA A ARQUIVÍSTICA: resultados preliminares de pesquisa em andamento

THE LEGACY OF CARLO LAROCHE TO ARCHIVISTICS: preliminary results of
research in progress

Maria Virgínia Moraes de Arana | Taiguara Villela Aldabalde

Resumo: Este artigo é o resultado preliminar da pesquisa denominada “Estudos epistemológicos em Arquivologia e Ciência da Informação” com foco no legado teórico de Carlo Laroche: *“Que signifie le respect des fonds? Esquisse d’une archivistique structurale”*. Nesse ensaio o autor trouxe uma nova abordagem através de um estudo paralinguístico. Em sua primeira etapa, a pesquisa tem como objetivo identificar os caminhos teórico-metodológicos para reconstruir o princípio da proveniência no paradigma estruturalista, bem como algumas orientações descritivas.

Palavras-chave: Arquivística; Estruturalismo; Epistemologia; Respeito aos fundos

Abstract: This article is the preliminary result of the a research named “Epistemological Studies in Archivology and Information Science, focusing the theoretical legacy of Carlo Laroche: *“Que signifie le respect des fonds? Esquisse d’une archivistique structurale”*. In that essay the author brought a new approach, through a paralinguistic study. In its first stage, the research aims to find the theoretical and methodological issues to reconstruct the principle of provenance on structuralism paradigm, as well as some descriptive guidelines.

Keywords: Archivistics; Structuralism; Epistemology; Respect des fonds

1. Introdução

A pesquisa “Estudos Epistemológicos em Arquivologia e em Ciência da Informação” tem como objetivo mais amplo empreender estudos epistemológicos na Ciência da Informação e mais, especificamente, na Arquivologia, em busca de desvendar, em seu estatuto epistemológico, uma filiação teórica concomitante com os métodos empíricos de organização em arquivos.

Em artigo anterior¹, ao apresentar a Arquivística numa perspectiva diacrônica, evidenciou-se uma lacuna epistemológica, proveniente, provavelmente, da ausência de uma práxis, como aquela que integra os elementos da experiência a um pensamento reflexivo que reordena as ações da prática.

Na literatura da área, destaca-se o singular ensaio *Que signifie le respect des fonds? Esquisse d’une archivistique structurale* do autor Carlo Laroche (1971)², publicado pela Associação dos Arquivistas Franceses, que por meio de um estudo sociológico dos arquivos se propôs a desvendar o pensamento científico que subjaz ao fazer arquivístico,

¹ ARANA, M. V. M; ALDABALDE, Taiguara V. – Arquivística em perspectiva diacrônica: desvendando referenciais teóricos. *Páginas a&b*. S. 2, 8 (2011) 83-106.

² LAROCHE, Carlo – *Que signifie le respect des fonds? Esquisse d’une archivistique structurale*. Paris: Association des Archivistes Français, 1971.

no sentido de ampliar o entendimento do conceito de fundo de arquivo, mediante uma abordagem estruturalista, inserindo-o no campo da linguagem.

A importância desse autor e sua obra – que não lhe rendeu muitos seguidores – chamou-nos atenção na medida em que um estudo paralinguístico – reconhecidamente estruturalista – delineou-se como um recorte teórico muito pouco reconhecido até os dias de hoje. Sobre o pouco reconhecimento desse estudo, Silva e outros se referem: “esse estudo foi bastante ignorado pelos seus contemporâneos, talvez porque o meio arquivístico ainda não estivesse preparado para um discurso teorizador tão avançado” (SILVA, et al.,1999:150).

Como o discurso de Laroche, cuja proposta em forma de debate tem sido considerada avançada e talvez obscura para os pares, a pesquisa, ora em andamento, promete frutos na medida em que a ciência arquivística tem tido avanços, desde então. Ao se propor lançar luzes teóricas sobre a prática arquivística, do ponto de vista estruturalista, o autor talvez tenha espaço para um reconhecimento tardio, na medida em que vivemos em plena égide de sociedades ligadas em rede, rede esta que espelha uma estruturação social em crescente complexidade. Resgatar esse discurso, certamente, trará ganhos ao debate pós-modernista atual³ diante dos impactos sofridos pela área, com o advento do documento digital e a presença cada vez maior das tecnologias de linguagem, comumente chamadas de tecnologias de informação.

Para atingir o objetivo específico da pesquisa em tela que é realizar um estudo analítico aprofundado, acreditamos que, primeiramente, o ensaio merece um olhar descritivo – através de um conjunto de excertos das principais questões – que faça com que o autor passe a figurar no rol de pensadores mais contributivos da área de arquivologia, pois seu estudo transdisciplinar trouxe uma inovação, no plano teórico.

É a esse olhar descritivo que nos dedicamos neste primeiro momento de pesquisa, ou seja, debruçar-se sobre a obra de Laroche para desvendar os caminhos teórico-metodológicos que o autor percorreu para reconstruir de forma transversal o objeto de estudo: fundo de arquivo.

³ Indagar se o texto de Laroche estaria voltado ao cerne dos problemas atuais seria responder que essa discussão iniciou-se com ele em 1971 e que hoje é ampliada por Terry Cook em seu artigo *Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts* (COOK, 2001) Todavia, não sendo o propósito desta primeira fase da pesquisa, algumas considerações podem ser feitas desde já, na medida em que ambos os autores preocupam-se com o contexto da criação de registros, pois as estruturas complexas da ação apontadas por Laroche hoje se tornam aparentes “em redes horizontais fluídas de funcionalidade e de fluxo de trabalho”, assim definidas por Cook. É curioso ver a congruência teórica dos dois autores que ao tomar Michel Foucault, apontam para a compreensão dos sistemas de conhecimento organizado e suas hegemonias discursivas e como se enveredam pelo campo de estudos da linguagem, no sentido em que é preciso analisar a linguagem do documento no contexto, de tempo e lugar. Como se pode ver mais adiante, Laroche toma Lévi-Strauss para se referir ao caráter sógnico dos documentos – o contexto é o texto em si mesmo – e Cook se baseia em Jacques Derrida que revela as estruturas de poder a que está submetido o criador dos arquivos, estruturas que são cada vez mais aparentes nos arquivos eletrônicos em ambientes virtuais, pois “os textos (incluindo imagens) são todos uma forma de narração, cujos autores estão mais preocupados com uma construção coerente e harmônica [...] em conformidade com as normas e padrões de organização do discurso retórico, do que focando em ser evidência de atos e fatos, ou contextos jurídicos ou legais” (COOK, 2001:6).

2. Laroche: ponto a ponto

LAROCHE no intuito de buscar uma justificação teórica para o empirismo que rege as regras arquivísticas em uso, concluiu que isso se dá, prioritariamente, porque os arquivistas não têm plena consciência do conceito de estrutura. E, a partir daí, buscou asseverá-lo em relação ao princípio do respeito aos fundos, em bases mais teóricas, ou seja, mais científicas. “O respeito aos fundos na sua acepção estruturalista tornar-se-á, pelo menos, um princípio regulador, o qual o arquivista [praticien]⁴ poderá tomá-lo com liberdade, mas sem ignorá-lo completamente se não quiser se expor aos ditames/regras da arquivística” (LAROCHE, 1971:50)⁵.

Elegendo a posição epistemológica do estruturalismo⁶, o autor definiu seu ensaio como um estudo paralinguístico⁷, pois reconstruiu esse princípio arquivístico, recortando-o de forma transversal: partiu do conceito de estrutura – confrontou a noção de estrutura que aparece nomeadamente nos tratados de arquivística com o conceito mais consistente de estrutura – trazendo-o dos constructos da sociologia, antropologia e das formulações teóricas de autores como Lévi-Strauss e Michel Foucault, traduzindo-o para o campo de estudo da linguagem, na linha pragmática. Mesmo ao reconhecer que o estruturalismo incorporou-se a todas as ciências, das matemáticas à psicanálise, disse que somente a linguística e a antropologia podem fornecer modelos, pois os arquivos têm afinidades eletivas com as duas disciplinas.

Assim, ao partir da hipótese de que um estudo paralinguístico daria uma fundamentação teórica à prática arquivística, justificou a importância de se pesquisar “[...] a origem do princípio do respeito aos fundos, [...] empiricamente aplicado antes de ser propriamente definido”, (LAROCHE 1971:1) e, portanto sem ser totalmente aplicado, pois saber do que se fala é por consequência buscar aprofundar-se sobre a natureza dos arquivos.

O autor declarou que o método utilizado foi confrontar a noção de estrutura que aparece nomeadamente nos tratados de arquivística com a idéia de estrutura, quando naquela época, em 1971, o estruturalismo dominava o pensamento europeu. A partir daí, dedicou-se a uma análise sintática e semântica da ação, buscando por essa via entender a natureza profunda dos arquivos, por meio do método dedutivo que o levou a discorrer, partindo da estrutura à ação e desta aos arquivos.

Entretanto, antes de seguir as pistas teórico-metodológicas da obra é necessário aclarar aqui questões acerca dos termos pragmática e pragmatismo, para evidenciar de que forma

⁴ O autor se reporta ao arquivista como aquele que realiza uma prática, daí a denominação “praticien”, ou seja, o arquivista prático.

⁵ Tradução nossa.

⁶ O estruturalismo foi um movimento científico que se desenvolveu em várias partes do mundo, especialmente na Europa e influenciou várias áreas de conhecimento, como a geologia, a biologia e a sociologia no séc. XIX e, entre outras, a matemática, linguística, antropologia, no séc. XX, considerado como uma posição epistemológica que ao influenciar várias áreas do saber é entendido como aquele que decorreu do declínio dos ideais da modernidade, ou seja, proveniente da crise da modernidade. (PETERS, 2014:cap. 3) Note-se a data da publicação do ensaio de Laroche (1971) quando havia forte influência do pensamento estruturalista na Europa, apesar do autor afirmar, na introdução, que não segue a moda da época, que era acomodar todos os objetos das ciências humanas à corrente estruturalista (LAROCHE, 1971:1).

⁷ O prefixo para, do grego, significa proximidade, semelhança, isometria com (MUÑOZ, 1980). Assim, entende-se que a qualidade do estudo de Laroche aproxima o objeto de estudo ‘fundo de arquivo’ do campo de estudos da linguagem.

o autor trabalhou a transversalidade já referida. Segundo Marcondes, “[...] Com frequência os termos “pragmática” e “pragmatismo”, têm sido usados de forma equivalente, [...] o que não corresponde, contudo, nem à sua origem, nem às correntes de pensamento que os caracterizam. É preciso distinguir, portanto, ao menos preliminarmente e em linhas gerais, a pragmática enquanto um campo de estudos da linguagem e o pragmatismo enquanto corrente filosófica⁸, ainda que uma filosofia da linguagem na linha da pragmática e o pragmatismo se aproximem em muitos aspectos, sem, contudo se confundirem” (MARCONDES, 2000:38).

Na lingüística, a pragmática se caracteriza pelo estudo da linguagem em seu uso concreto, ou seja, os estudos da linguagem relacionados ao seu uso na comunicação (Charles Morris; Rudolf Carnap, 1938)⁹. Entretanto, não foi, integralmente, a essa corrente pragmática que o autor se referenciou, mas se apropriou do princípio filosófico inerente a ela que substitui a noção de representação pela da eficácia.

É importante asseverar que o ensaio de Laroche, assim como o concebeu, paralingüístico, foi construído de forma transversal, na medida em que parte dos princípios da filosofia pragmática, passando à vertente estruturalista dada pela sociologia e antropologia para abraçar a lingüística, apropriando-se desta de forma inovadora, criando novos conceitos.

Para aprofundar-se sobre a natureza dos arquivos, e, nesse sentido, desvendar a teoria de uma prática, o autor se voltou para uma análise sintática e semântica da ação, destacando-a no texto em maiúscula como (*L’Action*), pois que “[...] toda atividade objetivamente considerada relevante é em última análise a ação” (LAROUCHE, 1971:50).

Dispôs o texto em três capítulos: 1. Introdução à análise das noções fundamentais (a estrutura, a ação, o arquivo); 2. Síntese das noções fundamentais (a estrutura pragmática do arquivo); e, 3. Da teoria à prática.

Como pesquisa em andamento, este artigo trata da introdução e do primeiro capítulo, a seguir.

Introdução

O autor introduziu o ensaio afirmando, categoricamente, que “o arquivista, como prático, é um estruturalista que se ignora [...]” e assim explana: “[...] o arquivista não é um seguidor: ele é um precursor. Bem antes de Saussure e Lévi-Strauss ele teve a intuição global da existência de uma estrutura a qual se viu e se vê obrigado a respeitar. A experiência se adiantou à hipótese. [...] Mesmo que a natureza estruturada dos arquivos ainda não tenha sido provada, ela se basta – não necessita de constatação – pois a prática

⁸ A “filosofia pragmática” refere-se a concepções de filosofia que defendem não só uma distinção entre teoria e prática, mas, sobretudo o primado da razão prática em relação à razão teórica. Enquanto corrente filosófica o pragmatismo originou-se no final do século XIX e desenvolveu-se, sobretudo ao longo do século XX, principalmente nos Estados Unidos. Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e posteriormente John Dewey (1859-1952), são os principais representantes desse pensamento em suas várias vertentes. Contemporaneamente Richard Rorty (1931-) se destaca como defendendo o que tem sido caracterizado como *neopragmatismo* (MARCONDES, 2000:39).

⁹ Há uma já consagrada distinção geral do campo de estudos da linguagem entre *pragmática*, que considera a linguagem em seu uso concreto, *semântica*, que examina os signos lingüísticos em sua relação com os objetos que designam ou a que se referem, e *sintaxe*, que analisa a relação dos signos entre si (MARCONDES, 2000:39).

já elaborou provas suficientes. Mas como o conceito de estrutura só foi verdadeiramente elaborado recentemente, o arquivista se contenta com as definições que permaneceram, no aquém da realidade profunda e, assim, a formulação da teoria está atrasada em relação à prática” (LAROUCHE, 1971:5)¹⁰.

Ao citar Favier e Bautier¹¹, disse que a doutrina arquivística é uníssona ao afirmar que o fundo de arquivo é um todo estratificado, que reflete as atividades passadas de um sujeito físico ou moral, constituindo uma unidade a ser respeitada, regida pela ordem dos acontecimentos.

Ao estudar a produção dos documentos, no seu nascedouro – *o a priori* – afirmou que é insuficiente constatar que os documentos são secretados por uma administração, pois é preciso descobrir a lei dessa secreção. Essa lei não é histórica, mas sociológica, pois as diversas atividades se unem em uma ação singular – que Laroche destacou, colocando-a em maiúscula (*L’Action*) – pois a ação revela a estrutura, “[...] a força das coisas tende a agrupar as atividades segundo a lei da ação e [...] então é necessário compreender o porquê das organizações não serem fortuitas, pois elas são regidas por uma estrutura profunda da qual é preciso compreender a natureza” (LAROUCHE, 1971:7)¹².

Finalizou a introdução afirmando, sinteticamente, que o lugar onde se encontra a estrutura profunda é justamente a totalidade, esta definida como a maneira pela qual os elementos do todo reagem uns sobre outros.

Capítulo I

Nesse capítulo, o autor se dedicou à análise das noções fundamentais: a estrutura, a ação, o arquivo.

A ESTRUTURA

Sobre a estrutura, disse que o conjunto das atividades de uma entidade não constitui sua totalidade, pois para se chegar a uma verdadeira estrutura interna é preciso identificar a atividade única, aquela que sustenta todo o arquivo, que é por sua vez um sistema.

Citando Jenkinson¹³ como um dos autores conscientes da visão estruturalista, define estrutura como uma dependência recíproca das partes de um todo que fará ou lhe dará sentido. Para ilustrar a dependência recíproca das partes de um todo, destacou a necessidade de se analisar a metáfora do esqueleto – mencionada, primeiramente, no Manual dos Holandeses (Muller, Feith E Fruin)¹⁴ e retomada por Jenkinson – afirmando que esta conduz a uma falsa direção, “pois a ossatura não é uma estrutura” (LAROUCHE, 1971:9). Para justificar essa crítica à metáfora citada, mencionou dois caminhos intelectuais diferentes: i) ao encontrar um osso isolado é fácil para o paleontólogo recolocá-lo no esqueleto total de um fóssil – a partir do conhecimento dado pela anatomia

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ FAVIER (1959); BAUTIER (1961:1.120).

¹² Tradução nossa.

¹³ JENKINSON (1965:11).

¹⁴ MULLER; FEITH; FRUIN (1898) traduzido para o inglês sob o título *Manual of the arrangement and description of Archives*, em 1940.

descritiva do animal – o mesmo acontece com o arquivista diante de um documento isolado quando o recoloca no seu lugar próprio, a partir do conhecimento já que tem da instituição. Esse procedimento indutivo é a reconstituição da estrutura aparente do fundo de arquivo, ou seja, a ordem primitiva; ii) mas quando o esqueleto é desconhecido, o procedimento será dedutivo, pois é preciso antes conhecer a fisiologia que explica sua anatomia – compreender os órgãos nas suas funções e não inferir as funções a partir dos órgãos – e nesse caso também para o arquivista não é suficiente conhecer a materialidade dos arquivos, datados e situados, mas a fisiologia dos arquivos em geral. Ou seja, como o esqueleto que não é o todo do organismo – porque ele sozinho não dá conta da vida – também a estrutura dos arquivos se encontra a um nível mais profundo, na **rede de relações recíprocas que os documentos mantêm entre si e que lhes dão sentido**, como uma presença subjacente, ao contrário daquela manifesta, simbolizada pelo esqueleto.

Em função do dito acima, Laroche afirmou, categoricamente, que não se trata de reformar a arquivística, tal como se pratica, mas de fundá-la. Essa prática que chama de tecnologia dos arquivos – que pode sofrer intervenções dadas pela evolução de outras tecnologias administrativas – não se sustenta, pois “[...] a técnica é cega” (LAROUCHE, 1971:9), sendo preciso identificar a estrutura que dá sentido ao princípio do respeito aos fundos.

Concluiu que a estrutura é uma totalidade, onde cada elemento tem sentido a partir de sua situação ou de seu papel em relação a todos os outros e que a totalidade ela mesma tem um sentido enquanto tal, e que, portanto, é uma forma.

A AÇÃO

Tomando emprestado o caminho primordial empreendido pela antropologia disse que é indispensável buscar o substrato sociológico. Guiado pelas análises de Foucault em *Les Mots et les Choses*¹⁵ se perguntou em qual *epistémè* (clássica ou moderna)¹⁶ se coloca a arquivística. Concluiu que desde os primeiros classificadores (Camus, Daunou)¹⁷, que construíram mapas para classificar as diversas atividades humanas, retirando-as de seu meio natural para inseri-las num quadro representativo, projetou-se a complexidade dos documentos frutos dessas atividades em um quadro metodológico eminentemente cronológico, fazendo a arquivística ser servidora da história. Infelizmente, essa concepção documentalista dos arquivos está longe de estar morta, pois ela corresponde à *epistémè* clássica, apenas recoberta pela modernidade, pois se continua tratando os arquivos na ausência do homem, ou seja, sem interrogar sobre sua produção.

Afirmou que o homem, no domínio da arquivística não é precisamente o sujeito pessoa física ou moral, conhecido como o fundamento da unidade do fundo. Na busca pelo princípio fundamental da disciplina arquivística é preciso alargar esse entendimento – qualquer que seja a unidade ou o conjunto arquivísticos – para um objeto não limitado que está para além daquele que corresponde ao fundo. É preciso considerar a contextura

¹⁵ FOULCAULT (1966).

¹⁶ Foucault condiciona toda concepção das ciências a uma determinada época, demonstrando que há duas grandes descontinuidades na cultura ocidental: a clássica (metade do séc.XVII) que se caracterizou por um conceito de representação formando um mapa no qual as coisas são classificadas pelo critério de semelhanças e diferenças e onde o homem está ausente como ator; e a moderna (séc. XIX) que incorpora um discurso sobre as coisas, interpretando-as a partir de um princípio de explicação humana.

¹⁷ Os primeiros classificadores dos arquivos nacionais.

desse fundo para tentar ligar os arquivos por uma estrutura, de onde se pode perceber o sujeito do fundo, ou seja, o ator.

Para dar exemplo, citou a instrução de 1841¹⁸ que possui um espírito estruturalista, na medida em que entende que o fundo se calca sobre o caráter essencialmente variável das instituições, que não podem ser consolidadas em uma estrutura definitiva, além da definição contida no *Registraturprinzip* (Geheime Statsarchiv, Prússia, 1881)¹⁹ que leva ao reconhecimento de fato de uma estrutura interna consubstanciável aos arquivos.

Ao dizer que para reexaminar o problema da estrutura interna do fundo tem-se que analisar **a ação elementar e seus desenvolvimentos** e que a estrutura não é uma hierarquia e, por conseguinte, realizar a decomposição do fundo segundo a hierarquia não é verdadeiramente estrutural.

Nesse sentido, antes de se dedicar ao ator – não o homem individualizado, mas o fenômeno humano – é preciso se ater à ação, que do ponto de vista da antropologia, segundo Lévi-Strauss²⁰ é o lugar das estruturas. Citou esse autor destacando os estudos estruturalistas na antropologia – de parentesco das sociedades arcaicas e dos mitos²¹ – e na linguística – cuja herança vem de Jakobson (*Phonétique*) e de Saussure (*Cours de Linguistique Générale*) – afirmando que a linguagem articulada é considerada fundamental, dentre os fenômenos culturais, desde que o homem se organizou em sociedade – num sistema de trocas, de comunicação, de subordinação e colaboração consentida – numa variedade de formas, que levam à noção de totalidade. Assim, considera que os modelos de estruturação antropológica, um estudo da ação tal como ela se desenvolve dentro do governo das sociedades nos conduzirá a uma forma original de totalidade estrutural.

Os arquivos constituem os vestígios da atividade exercida no seio de uma sociedade para aí manter a ordem, pois esta é uma necessidade que nasce da multiplicidade de elementos que constituem todas as sociedades, entre os quais é preciso estabelecer uma coesão que é primordial, pois ela é a condição de existência das sociedades vivas. Como solução ao problema da multiplicidade nasce a sociedade – no seu sentido geral - e assim é no nível mais profundo que se encontra a lei. Disse que a manutenção da ordem não se trata de uma coordenação exterior das atividades, mas sim de reconhecer que no seio mesmo da ação organizadora das sociedades há uma coesão interna que é o direito, como resultado dessa coesão. Esses elementos múltiplos se conciliam numa unidade – totalidade - que é a estrutura. “A ação humana mantém a ordem” (LAROCHE, 1971:17), na medida em que a sociedade viva se diversifica em certo número de categorias de ações – religiosa, militar, jurídica, econômica, etc. – que se encadeiam. Compara as categorias da ação a uma sinfonia social que se reflete na transcrição arquivística, salientando aí a transmissão da ação à distância e sua conservação no tempo.

¹⁸ *Instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales*, promulgadas pelo Ministério do Interior da França em 24 de abril de 1841.

¹⁹ A origem desta tradição arquivística pode ser diretamente relacionada à data de 1282 quando uma série de documentos oficiais fica sob os auspícios do Margrave de Brandenburg sendo iniciado o controle custodial. O registro da prática formal ocorreu em 1598 quando as autoridades de Brandemburgo nomearam o arquivista Erasmus Langenhain como *Registratura Archivorum*. Em 1803, os arquivos foram ampliados com a adição de documentos governamentais, judiciais e regionais prussianos e rebatizados de "Arquivos do Estado prussiano".

²⁰ LÉVI-STRAUSS (1958). Cf. PETERS (ob. cit.).

²¹ LÉVI-STRAUSS (1949).

Na busca de explicitar como se encadeiam as fases da ação elementar – a ação pura – qualquer que seja a totalidade social, o autor afirmou que como a ação se dirige a um fim – um objeto – que é sua motivação, esta se constitui tão só no projeto a partir do qual a ação se organiza, ficando esse projeto fora do sistema. Na medida em que a ação se realiza, se socializa, há uma multiplicação da unidade original, de tal forma que cada segmento conserva seu pertencimento à essa unidade. Assim, não se trata de uma sucessão cronológica de ações particulares, mas de fases de uma só ação, de momentos que reconduzem ao projeto que confere com a unidade e que as condições em que é executado se constituem em uma totalidade.

Mas a ação simples – de um só indivíduo – se complica, na medida em que as fases tomam corpo, quando seu Ator – coloca-o em maiúscula – delega sua execução a atores subordinados, que se tornam atores principais em sua esfera de atuação. Entretanto, resta ao Ator, digamos primeiro, salvaguardar sua unidade, seu sentido, controlando e constatando seu resultado.

O autor finalizou o capítulo retomando suas considerações acerca da estrutura e da ação, relacionando-as com os arquivos, da seguinte maneira: “A estrutura não é uma coisa, ela não é a ossatura, ela é a necessária dependência recíproca das partes de um todo, mesmo estando essas partes suscetíveis de se tornarem totalizações diferentes, niveladas, concentradas ou entrecruzadas” (LAROCHE, 1971:15)²².

Assim, se “a totalidade reside na dependência das partes” (LAROCHE, 1971:15), ressaltou que a estrutura da rede (*réseau*) mostra visivelmente a estrutura da ação pura, uma vez que não há um centro de onde se irradia a ação, nem há um começo absoluto. Trata-se de um ciclo, no qual a ação se fecha sobre ela mesma para se repartir indefinidamente. Mas no interior de uma dada ação a ordem não é mais do que a tradução da deliberação, que deve dar conta da capacidade dos executantes e dos meios que eles dispõem. A ação oferece um sistema de transformações que tem por efeito salvaguardar, automaticamente, um equilíbrio em vias de ser realizado, a partir das condições históricas e contingências dadas, com fim de obter a **maior eficácia possível**. Uma das características da estrutura é a faculdade de manter seu equilíbrio por um mecanismo de regulação, que tende à adaptação a uma situação nova com o intuito de **preservar sua eficácia**, ou seja, sua totalidade dirigida a um determinado fim, que constitui seu sentido. Essas modificações deliberadas são fruto da experiência. Ora, na esfera sociológica, o fenômeno é inconsciente e a estrutura assume a função de inconsciente social. Confirma-se, assim, a natureza estrutural dos arquivos, por exemplo, quando se estuda a história das instituições, pois sua evolução dá conta da estrutura dinâmica do seu encadeamento.

A “LINGUAGEM” PRAGMÁTICA

Antes de partir para suas considerações sobre a natureza estrutural dos arquivos, o autor fez uma comparação com uma descoberta da lingüística, usando de uma metáfora, entre o sentido e ação. A Lingüística tem por objeto oferecer um sentido ao entendimento e sua razão de ser é a expressão. E, na ação, mesmo que o conteúdo de cada frase seja da ordem da expressão – e submetido às leis da lingüística – sua razão de ser não é a expressão, mas

²² Tradução nossa.

a eficácia. Como no caso da linguística, a totalidade dá o sentido, em *pragmatique*²³ – termo que vem entre parêntesis – a totalidade exprime a eficácia.

Ora, se a totalidade busca um determinado fim, ou seja, a eficácia, na linguística o sentido de uma frase não é resultado de uma justaposição de noções que se juntam por soma, mas de uma relação ou de uma oposição das partes entre si, cada uma tendo em vista o contexto geral. Mesmo que o conteúdo de cada fase da ação seja da ordem da expressão, sua razão de ser não é a expressão, mas a eficácia. As diferentes fases da ação formam o contexto, que não é o entorno, mas o texto em si mesmo – a totalidade – na sua inteireza e complexidade fundamentais. O autor assim se expressa: *Alors comme en linguistique, la totalité donne son sens, en 'pragmatique' la totalité exprime l'efficacité* (LAROCHE, 1971:15)²⁴.

Nessa passagem, o autor mencionou a inovação, na medida em que identificou a abordagem estruturalista da arquivística, ou seja, no conhecimento da ação pura, onde a forma se encontra nas profundezas e não na superfície. Disse também que a totalidade em questão é da ordem pragmática e aí residem as dificuldades do arquivista que deve escolher, entre o saber ou a ação, ao organizar os documentos, na seguinte passagem: *Les archives ne sont pas des textes, ce sont des actes. Le premier juriste que a donné le nom d'acte a un texte, était un structuraliste* (LAROCHE, 1971: 17)²⁵.

Também se reportou o autor às funções da ação elementar, dizendo que “[...] Toda estrutura é um sistema de funções” (LAROCHE, 1971:17)²⁶ e que os elementos da estrutura são funcionais, pois a função nada mais é do que um papel permanente, numa estrutura estável na qual o papel se torna funcional²⁷. As funções que se desenham na simultaneidade estrutural podem ser reencontradas em todos os estados de evolução da instituição, nos quais se pode observar, na sua longa duração, a lenta complicação dos organismos inventada pela natureza social. Mas a idéia de estrutura sempre fornecerá um instrumento capaz de retornar a qualquer momento aos elementos eternos da Ação²⁸.

O ARQUIVO

Para asseverar que ainda na oralidade, antes da escrita, já se podia encontrar previamente a estrutura pragmática – ainda que nessa época primitiva os arquivos não existissem – o autor tomou Lévi-Strauss (*Pensée sauvage*)²⁹ para fazer uma analogia do ‘churinga’³⁰ com os documentos de arquivos, dizendo: *Par leur rôle et par le traitement qu'on leur réserve, ils offrent ainsi des analogies frappantes avec les documents d'archives que*

²³ O emprego de aspas aponta para o neologismo cunhado pelo autor, como resultado da aproximação da ação com a linguística, revelando nesta junção uma inovação, uma concepção de linguagem cuja totalidade é regida por um princípio pragmático que busca a eficácia e não a expressão: a *pragmatique*.

²⁴ Cf.: Assim como na linguística, a totalidade dá o sentido, em ‘pragmática’, a totalidade exprime a eficácia.

²⁵ Cf.: Os arquivos não são textos, eles são atos. O primeiro jurista que deu o nome de ata a um texto era um estruturalista (tradução nossa).

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Ou se funcionariza.

²⁸ Aqui o autor adjetivou de forma poética os elementos permanentes da ação.

²⁹ LÉVI-STRAUSS (1962).

³⁰ No povo de Aranda (Austrália Central), os *churinga* são objetos em madeira ou pedra gravados com signos, que simbolizam o sagrado, encarnando um ancestral, adorado de tempos em tempos, com a celebração de ritos.

nous éfouissons dans des coffres où confions a la garde secrète des notaires et que, de temps à autre, nous inspectons avec des ménagements dûs aux choses sacrées, pour les réparer s'il est nécessaire ou pour les confier à des plus élégants dossiers (LAROCHE, 1971:18)³¹.

Remetendo-se a esse caráter mítico e atávico dos objetos sagrados que Laroche compara aos arquivos, mencionando, especialmente, sua exposição em museus, em situações nas quais se produz 'a presença real' de qualquer coisa da qual são apenas signos. Assim também, disse que a grande revolução arquivística foi aquela que substituiu a ação pelos signos a qual representa que mesclou os signos e as ações suscetíveis de serem significativas, dando aos signos dessa ação, o valor dos atos em si mesmos³².

Assim trazendo Lévi-Strauss³³, Laroche apontou para o caráter probatório dos arquivos modernos – no entendimento de que o ancestral e seu descendente "vivem" sob a mesma pele, a do *churinga* – afirmando que os documentos são 'seres encarnados' do acontecimento produzido, ou seja, da ação. E, nessa medida, os arquivos, como signos, são tributários de uma semiologia, que pode nos revelar alguns de seus segredos.

Os arquivos **em sua primeira idade**, até o século XVIII, foram títulos autênticos representativos de direitos, ou seja, signos de poder, que deveriam vencer o tempo. Emergindo da oralidade, os primeiros escritos da ação, que deveriam ser conservados (arquivados), foram assim julgados com a intenção de preservá-los da desapareição, não dos ancestrais, mas dos atos passados que tinham vocação para se prolongar para além da existência desses ancestrais. Para conservá-los foi preciso constituí-los em uma forma transitória, sob uma espécie de signo material, que adquire, no espírito do usuário, uma perenidade, daí a analogia com o *churinga*. Eles servem de suporte à alma de um ato passado, que ao sobreviver aos mortos, curiosamente, podem intervir nas condições dos viventes.

Qualquer documento representativo de direitos como cartas, diplomas, cartas régias, tratados, etc. repousam sobre uma situação inicial que se transforma em uma situação final de caráter durável, que significa uma parada no desenvolvimento dos acontecimentos, dando lugar a uma ocorrência. O ato do qual esses documentos são o resultado se desenvolve na oralidade, ou seja, os signos que materializam esses elementos ainda não estão postos em forma. Só subsiste como signo definitivo o ato que leva em conta os antecedentes, além de poder constituir uma injunção ou uma ordem futura. A situação inicial é retraçada, às vezes pela enumeração dos homens e lugares e suas relações. A exposição de motivos remete à deliberação da condição anterior e retém aí suas conclusões. Assim, os elementos pragmáticos que a oralidade vinha, naturalmente, estruturando podem ser reencontrados, reclassificados numa ordem lógica.

O autor não se absteve de reforçar a função simbólica como a marca do homem e que o arquivo é em si um signo absoluto, trazendo uma força que o transcende, no tempo e no espaço.

³¹ Cf.: *Pelo seu papel e pelo tratamento que lhes é dado, eles oferecem assim analogias impressionantes com os documentos de arquivo que escondemos nos cofres ou confiamos à guarda secreta dos notários e que, de tempos em tempos, os inspecionamos com utensílios próprios das coisas sagradas, para repará-los se é necessário ou para guardá-los em dossiês mais elegantes* (tradução nossa).

³² Cf.: [...] *donnant aux signes de cette action la valeur des actes eux-mêmes.*

³³ LÉVI-STRAUSS (1962).

Há uma articulação entre a primeira e a segunda idade dos arquivos, que o autor denomina o aspecto *'proteiforme'* do arquivo que são os extratos, as cópias autênticas, que são produtos da ação viva e se incorporam a uma ou outra fase desta. São documentos que estão fora da ação propriamente dita (*au dehors*) e que podem ser encarados como coleções, comumente, arranjados numa ordem prática (topográfica, cronológica)³⁴ e não pragmática, pois os arquivos modernos tem como objetivo conservar o tempo na sua duração, produto das fases da ação que se desenvolve de forma inconsciente.

A **segunda idade dos arquivos**, segundo o autor, é o estudo da arquivística como um sistema de signos, que abre a idade moderna, o que abordou apenas de forma introdutória para depois discorrer longamente sobre essa idade no decorrer do ensaio. Para finalizar o capítulo, ele resumiu os pontos abordados, de forma didática e, irrepreensível, do ponto de vista metodológico, a seguir:

1. Uma estrutura é uma totalidade, cujos elementos são funções uns dos outros, de maneira a formar um sistema que tende a estabelecer, permanentemente, seu equilíbrio em vias de conservar sua lei.
2. Os arquivistas tiveram a intuição de que os arquivos são estruturados, mas para descobrir essa estrutura é preciso fazer um desvio, para conhecer em profundidade o que pode ser o objeto dessa estrutura, ou seja, conhecê-lo a partir do que é dado, em termos cognitivos e contingentes, pela superestrutura das instituições.
3. Encontra-se esse objeto na ação pura, da qual os arquivos são incontestavelmente, os traços.
4. Pode-se encontrar a ação em si mesma, antes de qualquer tradução na escrita.
5. Comprova-se pela análise, que as fases da ação, cuja diversidade e encadeamento em todas as direções, sempre respeitam a unidade.
6. Sabe-se que o sentido dessa totalidade não deve ser confundido com uma expressão inteligível, mas uma busca de uma significação pragmática: a eficácia que é a lei da estrutura. Ora, se a estrutura busca a eficácia pela ação, os arquivos são os traços da ação, traços que se manifestam em cada estágio de sua duração ou de seu desenvolvimento.
7. Pode-se ver que desde o estado da oralidade a estrutura já se manifesta, ou seja, a ação se prolongando para a idade da escrita. Nesse processo, define-se o primeiro estágio do escrito arquivístico, seu enraizamento sociológico, onde se encontram os elementos da ação normal.

³⁴ Quando Laroche se referiu a essa prática de organização de peças de arquivo, se reporta ao "praticien", ou seja, àquele que usa esse recurso, de forma rotineira e aleatória.

8. O signo emerge absoluto e sagrado nos arquivos, como um caminho a se percorrer através do estudo de sua função e sua sistemática³⁵.

Assim, Laroche, unindo os vários pontos de vista teóricos, fez um percurso metodológico na direção de um estudo paralinguístico, na medida em que conclui que os arquivos são um sistema de signos, entretanto, ressaltando-se uma peculiaridade: mesclam os signos e as ações suscetíveis de serem significativas, dando aos signos das ações, o valor de atos em si mesmos.

Imprescindível, neste primeiro momento de pesquisa, a descrição da parte ora apresentada – que não se configura numa tradução, pois são excertos das principais questões – para se identificar o percurso teórico-metodológico do autor na construção do ensaio, o qual apresentou como base para uma discussão entre os pares.

Desde já se pode concluir como produto do primeiro estágio da pesquisa, que Laroche foi agudo em suas críticas, apontando-as para a prática arquivística secular, qualificando-a como uma técnica. O legado de Laroche é trazer à luz a idéia de estrutura subjacente à prática arquivística, na qual se pode encontrar uma justificativa teórica para empirismo que a preside.

Referências bibliográficas

ARANA, M. V.M; ALDABALDE, Taiguara V.

2011 Arquivística em perspectiva diacrônica: desvendando referenciais teóricos. *Páginas a&b*. Série 2, 8 (2011) 83-106.

BAUTIER, Robert-Henri

1961 L'histoire et ses méthodes. In: *Encyclopédie de la Pleiade*. Paris: 1961.

COOK, Terry

2001 Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. *Archival Science*. 1:1 (Mar. 2001) 3-24. DOI:10.1007/BF02435636.

Tradução em: COOK, Terry. A Ciência Arquivística e o pós-modernismo: novas formulações para conceitos antigos. *InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação*. Ribeirão Preto. 3:2 (jul.-dez. 2012) 3-27.

FAVIER, Jean

1959 *Les archives*. Paris: PUF, 1959. (Que sais-je?).

FOULCAULT, Michel

1966 *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

GREIMÁS, J. A.; COURTÉS, J.

1983 *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

³⁵ Estudo que é o tema do segundo capítulo da obra em estudo.

FRANÇA. Ministère de l'Intérieur

1841 *Instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales*. 24 avril 1841.

JENKINSON, Hilary

1965 *A Manual of archive administration*. London: Percy Lund, Humphries & Co., 1965.

LAROCHE, Carlo

1971 *Que signifie le respect des fonds? Esquisse d'une archivistique structurale*. Paris: Association des Archivistes Français, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1949 *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Anthropologie structurale*. Paris: Librairie Plon, 1958.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1962 *Pensée sauvage*. Paris: Librairie Plon, 1962.

MARCONDES, Danilo

2000 Desfazendo mitos sobre a pragmática. *Alceu*. 1:1 (jul.-dez. 2000) 38-46.

MULLER, S; FEITH, J. A; FRUIN, R.

1898 *Handleiding voor het ordenen en beschrijven van de vereniging van archivarissen*. Groningen : Erven B. van der Kamp, 1898.

MUÑOZ, A. M.

1980 *Compendio de Etimologías grecolatinas del español*. México: Editorial Esfinge, 1980.

PETERS, Michael

2014 *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.
Disponível em: www.rubedo.psc.br.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.]

1999 *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

Maria Virgínia Moraes de Arana | virmoraes@hotmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Brasil

Taiguara Villela Aldabalde | taiguara@usp.br

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Brasil